

POEMAS ÁRIDOS

Jaime Vaz Brasil

A PRIMEIRA MORTE

"Da primeira vez que me assassinaram..."
Mário Quintana

I.

Se me quiseses matar
basta apenas o riscar-me
dos teus cadernos e mapas.
Sem adagas, sem alarmes.

E basta apenas um tiro
da palavra mais aguda.

Não mais atires, que morto
não geme nem pede ajuda.

Tarefa simples, matar-me:
uma seta é suficiente.

As demais, apenas sangram
o que de mim é morrente.

Se então me queres matar,
o mel à língua da espada
não mais esgrima comigo:
já estou morto. Um grande nada.

II.

Mas eis um morto-falante
que prende a frase em seu gelo

e abre o verbo nos lábios
de quem o perde, sem tê-lo.

Memória: um vento imprevisto
onde a frase da sangria

tem asa de bumerangue.
Voeja, mas volta um dia.

Nos desatelhos do tempo
o adeus caminha e resiste.

Estás livre, estou bem morto:
nem morto-em-riso, nem triste.

Na concha gris do silêncio
um morto que espalma a vida
das digitais do silêncio
à fruta jamais colhida.

III.

Na sola da longa insônia
a dor plange o desencanto.

Os lenitivos são parcos.
De minhas veias, no entanto
o sangue sangra – invisível –
e meu sol desarde, frio.

Morri, de morte matada.
Foi Solingen, de bom fio?

Punhal dourado em Toledo
para os carinhos do aço?

No leito de qual dos gumes
me resvalou o cansaço?

Em meu silêncio, enterrei-me.
Adormecido, e decente.

(Pior seria mostrar-me
em sorriso, frente a frente).

IV.

Melhor é morto morrido.
Mas este morto-que-fala

Desliga, às vezes, seu ócio
vira de lado e descala.

Se é meu enterro, não choro.
Compareço, a contragosto.

(Mas enquanto desço ao poço,
meus ditos sobem de posto).

Frase de morto é o que volta
no balde, em corda e roldana.

Água seca, mas sentença
que em pedra e silêncio exclama.

Palavra de morto vive
no que grava, em cada ouvido.

E ganha o bronze que move
a balança dos sentidos.

V.

O que levamos, e onde?
A verdade. Nada mais.

(Quem mente frente ao espelho,
beija os próprios arsenais).

Quanto mais perto o algoz
– quanto maior a estima –

mais morre o morto-falante
que espera terra por cima.

O corpo morre ou desvive
na hora exata e cruenta?

A dor não explode em eco
no silêncio que se agüenta.

O caos é um sol desbotado
na palma de cada prece.

Mas o tempo que me hospeda
rege um corpo que anoitece.

VI.

– O Imperador está nu,
disse uma vez um menino.

(O conto omite ou esquece
de revelar o destino

daquele cuja palavra
no veludo da verdade

foi ave pequena, em grito
para os cegos da cidade).

Vivi no porão da escrita
ou fui o menino morto?

E em qual palavra ou poema
há que almejar-se conforto?

A lembrança se descola
mas a noite crava o sono.

(Se a vida possui regentes,
a morte só tem um dono).

VII.

Ao morto, cabem as pedras
do silêncio, sem mais prantos.

Morrer é trocar de estado.
Mas o depois, entretanto,

compõe discursos e teses:
a fé constrói os abrigos.

(Pior que a morte das carnes,
seria um viver de umbigos).

Enquanto a vida nos foge,
qual a lista que separa

o que é mito, medo ou pranto
da razão, pesada e clara?

Mas o morto falou muito.
E morte é sem fala ou pista.

Nos ergue a vista e apenas
apaga o que mais exista.

VIII.

O ex-vivo que vos fala,
– que nunca morrerá antes –

ouviu atento o processo
e condenou-se ao instante

do julgamento-avessado
onde a vítima cai, presa.

Mas quando a vida transita
e deixa-se à face ilesa?

Que venha a morte mais simples:
sem dores e sem tormentos.

(O morto aguarda em urgência
a pedra do esquecimento).

À fresta de alguma reza
o morto é aconselhado

na horizontal de seu sono
dormir de um todo, e calado.

IX.

E falar ao surdo-em-morte
de nada vale ou adianta.

(Na madeira onde discursa
não grita, ouve ou levanta).

Melhor que assim permaneça:
o morto é um ser desatento.

A ele, damos as costas
entre flores e lamentos.

A morte é clava na terra
ou asa aberta no alto?

É vento ou grande buraco
ao corpo, preso-de-assalto?

A morte às vezes estampa
vesguices de pensamento.

Mas serve ao vivo saber-se
vesgo ao morto, em seu momento?

X.

Raro, este morto assumido.
É bom desviar-lhe a mira.

(Em morto não mais se cospe,
em morto não mais se atira).

A vida impõe muitas buscas.
Mas quem lê as entrelinhas
sabe que nelas se esconde
bem mais do que se adivinha.

Caso o morto respondesse
item por item os gritos

de quem, por cego, matou-o:
teríamos cura ou conflito?

O morto vai ao degredo
com alma descalça e nua.

Não há palcos nem estrelas:
na morte ninguém atua.

XI.

Mas o morto está falando
a noite e o dia inteiro.

E há que levá-lo em pressa
ao contracéu do canteiro.

Que se abra logo a cova,
e seja profunda ou rasa.

(Eis a cama onde se igualam
os homens, no chão da casa).

Depois, que o cimento acolha
qualquer epitáfio ardido.

É cedo para balanços
e tarde para o não lido.

XII.

Que outra morte se agende,
se mais me quiseres morto.

(Do pó ao pó. E mais nada:
um barco que volta ao porto).

Foi além do que previa
o morto-vivo que fala.

Guarde as adagas, morteiros,
os punhais, a frase-bala.

Morrer-se, mas não estando,
ou estar vivo – sem vida –

é guardar, sem mais ter língua,
o gosto da despedida.

O PÁSSARO

Fui pássaro
com penas apagadas.

(Céu estreito,
garganta sem eco).

Fui vôo
sem ar nem espaço.

(Pedaço de universo
preso ao bico do momento).

Fui asa
sem azul por casa.

(Rasteiro,
na raiz do cárcere).

Fui pluma
no caule da queda.

(Pedra em pouso
onde afundei meu gesto).

Terrestre,
o pássaro de mim.

No chão,
de asas abertas.

UM ESPANTALHO NO DESERTO

I.

O tempo estende a linha
dos faraós, em fila e de perfil.

O solo escreve na areia
os códigos da sede
com a água que não destila.

O eterno dos homens
sucumbe
na pedra das catacumbas.

Toda façanha humana
dormirá um dia
sem um grão de serventia.

A estação do futuro
cai na palma
do inverno.

II.

Meu deserto
prescinde do vazio concreto.

Meu olho
busca o que se acrescente
a uma luneta
sem as lentes.

Olho de ver além,
para entender sempre
menos.

III.

Decerto não compartilho
da fé de quem reza e pede
um arado
no deserto.

Se alguém foi
tentação em plena areia,
também soube
ser a ceia:

a fome independe
de quem a creia.

IV.

Um espantalho no deserto
me resume.

Vivo
no prego onde pendurei
os ossos do meu silêncio.

Vivo
na estante onde depus
minha alma
empalhada.

V.

Quero tanto
um deserto pelo avesso

quanto um espantalho
no espanto.

VI.

A solidão
cega ou ensina
o amar que não se enxerga.

(É um escuro
que ilumina).

VII.

No deserto
a distância morre.

O norte magnético
é uma singela e casta
informação.

A bússola
– demissionária –
grita de dor.

No deserto,
tudo é inutilmente
perto.

VIII.

Um espantalho no deserto
espanta os pássaros
da espiga
que não existe.

Braços abertos
mãos em riste:

um morto-triste
incansável no trabalho
de apenas manter-se,
inútil e confiante.

Sem grãos nem espigas,
de há muito as aves

por ali não buscam
caminhos ou atalhos.

IX.

Na palavra solidão
o sol nos parece dado em
aumentativo ou plural.

(Apenas artefato
lingual).

No deserto
a solidão-em-palavra

é quase uma ortografia
para os insetos da areia.

(Do meu deserto de areias:
frias de noite,
quentes de dia).

As espigas me calcinam
por vingança e fome.

O deserto se basta.
Não estou nele por convite
nem por ato compulsório.

O deserto apenas
me ganha.

Quieto, sem vales,
sem montanhas.

Quando arremesso
meu grito no papel,
nenhum eco me responde.

E há muito já perdi
meu onde.

X.

Mas
quem sabe um dia
algum coração revele
ao espantalho onde moro
que as areias do poema
não sejam o deserto
que mora
debaixo da minha pele.

SERVENTIA

Uma grande rebelião
sem causa e também sem lema
não leva ninguém a nada.
Mas serve para o poema.

Um tombo dentro da alma
no arranha-céu dos dilemas

aos outros, talvez não sirva.
Mas serve para o poema.

Um roteiro que tropece
na escadaria do tema
talvez não sirva ao aplauso.
Mas serve para o poema.

Um barco em pleno deserto
que o braço-em-gesso não rema
não vai ao cais nem às ondas.
Mas serve para o poema.

Uma andorinha sem asas
leva no corpo um problema
e não traz verão no bico.
Mas serve para o poema.

Tudo o que dorme esquecido:
bilhete, foto ou emblema,
a muitos não tem prestança.
Mas serve para o poema.

Cada tristeza e cada riso.
O sofrimento
com seus escudos.

Uma joaninha,
o impreciso:
ao poema serve tudo.

ÚLTIMA NOITE

I.

Vou assassinar-me esta noite.
Sem bilhete, sem aviso.
Apenas vou.

Sem alardes, sem epílogo,
apenas vou.

Meu equilíbrio, um estalo
na perna combalida.

Um incêndio
na espuma do gelo
nos destroços do frio.

II.

Vou assassinar-me esta noite
ou numa noite qualquer.

A mão dela
pousará sobre a minha.

Ave de espera
em minha esperança de além.

Vou com ela
num último vôo
para o abismo de existir.

O tempo em mim,
asa.

III.

Vou assassinar-me esta noite.
Sem enfeites, sem sigilos.

Serei um toque silencioso
que desliga o feixe dos sentidos.

Serei o abano
para a alma desdentada
nua velha surda insone
rangendo os dentes.

IV.

Vou assassinar-me esta noite,
seja qual for a data.

E ela simplesmente
sentará na minha cama.

No último verso, o tácito
verbo
esquecido na boca que se fecha.

No último verso,
a sílaba sublime
no estrume.

V.

Vou. Apenas isso.
Sem esforço, sem escolta.

Solitário, despovoado
no olho opaco da casa.

Vou,
cão que se solta da guia.

Serei enfim
meu corpo em sede

no deserto
da sala de visitas.

VI.

Vou assassinar-me esta noite.
Sem processo,
sem indultos,
liberto da prisão das carnes.

Serei espaço, o vazio crispado
ou meu braço
para o pasto dos abutres.

Apenas vou,
sem nenhuma despedida.

Vou ,
escavando os ossos do túnel
na palma da última
partida.

VII.

Esta noite
o poema
para sempre inacabado

UM ESTRANGEIRO NO PAÍS DO CORPO

Escrevo
despindo a pele do vento
lento, no leito do instante.

Escrevo
pedra dentro do peito
complacente ao que já não sente.

Escrevo
no grande deserto branco
que do liso se derrama
arenoso, e sem areias.

Escrevo
na curva da letra insone
que me some à mão da busca.

Escrevo
na entranha do que me é
estranho.

Estrangeiro
em meu próprio corpo.

ANUNCIAÇÃO

Navego ao descobrimento
em naus que arranham o vento
e a palavra me situa:
sou poeta. De alma crua.

Meu sangue corre ao contrário
ardendo no itinerário

da veia que não existe.
Meu verso não vive. Insiste.

Enterro meu corpo vivo
no tempo, animal esquivo.

O verso não me redime:
ou sou inseto, ou sublime.

O poema é quem desata
o que nele se constata.

E faz eco ou se pendura
no grito de uma procura?

Entre o final e o começo
escolho sempre o tropeço

sobre a pedra no caminho.
Calado, tombo sozinho.

Por isso, vivo em desvida
na escuta mais incontida
e num livro não escrito
ouço a cor do infinito.

GEOGRAFIA DA INSÔNIA

No colo da minha insônia
vejo a fome a andar nas solas
das gordas que, de Botero,
não vão aos pratos de Angola.

Sinto guerras, maremotos
e espadas de Andaluzia.

Uma odisséia, um naufrágio
e tudo o que eu não queria.

No colo da minha insônia
– voluntário e delirante –

há um Leonardo gritando
ao futuro e seus distantes.

A morte nas mãos de Goya:
um grito preso. (E liberto).

Theo, no amarelo das cartas,
girassola um céu incerto.

No colo da minha insônia
sou gigante e sou pequeno.

(Entre Amadeus e Salieri
me liberto e me condeno).

No céu, Ghandi a fazer roupa,
reparte a paz que alucina

com o homem que – sem armas –
parou um tanque na China.

No colo da minha insônia
desmaio, cansado e mudo.

(E o sono faz, sem alarme
o desarme dos escudos).

A noite arma o cenário:
sou cavaleiro e cavalo.

Beijo as Valquírias de Wagner.
Fecho os olhos. E me calo.

O CÃO DA MINHA SOMBRA

Vivo
onde o cão da minha sombra
vive a farejar os passos.

No chão de mim, no pampa
ou onde o barro dos dias
me planta as flores da espera.

Em cada viela, nos bares da noite
vivo nas carnes do verbo
nas carnes do vento
no barco breve das horas.

Vivo
nos becos de mim
onde o solo beija as solas
na invenção dos caminhos.

Vivo
no cão andejo que fere
os calcanhares do tempo.

Sou
o cão da minha sombra.

DESPEDIDA

Quando a guerra não foi mais que um simples jogo
quando o medo fez mais cedo um outro escuro
e o futuro se fez ali, dobrando
eu vi, amiga: era tarde.

Quando o mundo foi além do meu quintal
quando a vida foi jornal e não história
e a memória fez a contramão do dia
eu vi, amiga: era tarde.

Quando o vento não me fez abrir os braços
ao abraço sideral de estar voando
e a pandorga me fugiu sem dizer quando
eu vi, amiga: era tarde.

Quando o guarda que dormia nos brinquedos
pôs o dedo no olhar da minha pressa
e quis ver o que a vida fez de mim
eu vi, amiga: era tarde.

Quando a noite foi algema no meu sono
e eu, de dono, fui escravo de um relógio
e no pulso pus dilema e cotidiano
eu vi, amiga: era tarde.

Quando o tempo foi julgado em outra mesa
e a tristeza me beijou, tão natural
nas paredes, no vazio fundo da casa
eu vi, amiga: era tarde.
Muito tarde.